



Digite um termo que deseja encontrar

Buscar

05/10/2005



Ilha dos azulejos: riqueza cultural resgatada em catálogo

Um instrumento voltado para a divulgação e preservação da memória cultural maranhense. Com este objetivo, a Companhia Vale do Rio Doce, lança sexta-feira, dia 07, às 9h, no Sítio Piranhenga, no Parque dos Nobres, o "Catálogo de Azulejos da Ilha de São Luís". A publicação idealizada pela Sociedade dos Amigos do Centro de Criatividade Odylo Costa, filho, abrange os municípios de São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar.

No caminho percorrido pelos pesquisadores - de março a julho deste ano - sítios, cemitérios, igrejas e museus, foram vasculhados. E o que foi encontrado foi um acervo azulejar relevante para a memória cultural de São Luís. A arquiteta Margareth Figueiredo, coordenadora do projeto, explica que foi seguindo a rota de expansão da cidade, o Caminho Grande, hoje, Rua Grande, que encontraram azulejos na Jordoa, Monte Castelo, Apeadouro, Filipinho, João Paulo e Anil. Os bairros mais antigos como Lira, Belira e Codozinho também entraram no roteiro.

Além de cercaduras e frisas (pequenos azulejos para contornos), 96 azulejos de padrões diferentes, do século XIX, foram mapeados e catalogados. Depois de São Luís, somente São José de Ribamar contém acervo azulejar antigo, oriundo principalmente de Portugal. Em Paço do Lumiar encontrou-se apenas registro devocional (que são painéis azulejados com imagens religiosas, principalmente de santos). Já no município de Raposa nenhuma peça foi catalogada.

Dentre outros informes técnicos de um dos mais importantes conjuntos azulejares do Brasil, o levantamento completo inventariou tamanho, técnica de confecção, país de origem, temática abordada pela padronagem e período de fabricação. "A população ganha com nas 76 páginas do catálogo uma ferramenta de conscientização e incentivo à preservação destas significativas obras de arte", enfatiza o gerente de Comunicação da Vale do Rio Doce, Sérgio Visconti.

A riqueza da pesquisa alcança também peças ornamentais raras. Ao folhear o catálogo, pode-se viajar a dois séculos atrás de história e conhecer objetos como pinhas e estátuas de jardins, elaboradas em porcelanas e com os mesmos acabamentos dos azulejos. A grande maioria está reunida no Sítio Piranhenga, no Parque dos Nobres. Lá, foi encontrada uma grande variedade azulejar espalhada por toda a propriedade, como nas escadarias, bancos dos jardins e muretas da Casa Grande.

Ao percorrer um pouco mais o espaço, a capela também surpreende. Suas paredes são revestidas de azulejos raros, estilo alto relevo; um cilhar - pequenos azulejos - do estilo citomórfico (com motivos florais) dão mais graça ao ambiente. Já na casa anexa à capela foram detectados azulejos no estilo pombalino - confeccionado na época do Marquês de Pombal.

São detalhes como este, que agora serão repartidos à população, oportunizando a preservação desta herança. "Mais que um livro bonito, o catálogo é uma de defesa do nosso patrimônio", diz a diretora do Odylo, Zelinda Lima. A obra vai para escolas, bibliotecas e instituições culturais de todo o estado, outras cidades do país, e até para Espanha, Guiana Francesa, Alemanha e Portugal.

Projeto

O projeto Inventário de Azulejos de São Luís do Maranhão iniciou em 2004, com a pesquisa dos azulejos no Centro Histórico, onde foram catalogados 423 imóveis. Da primeira etapa também resultou o Catálogo de São Luís". Nesta

segunda etapa, a pesquisa se estendeu à Ilha, indo a bairros e município vizinhos . No terceiro momento, a ser desenvolvido em 2006, o projeto vai além da capital, a fim de estudar e catalogar as peças existentes em outras localidades. Entram no roteiro as cidades de Alcântara, Viana, Caxias, Guimarães, Cururupu e Icatu. Toda pesquisa resultará no Inventário dos Azulejos de São Luís do Maranhão, obra que facilitará estudos e enriquecerá ainda mais o conhecimento sobre o assunto.

O Sítio Piranhenga

O Sítio Piranhenga possui 42 hectares de história. Fundado pelo tenente José Clarindo de esta propriedade possui até hoje traços e marcos da escravatura. Datada entre os anos de 1805 a 1810, revela surpresas como azulejos de origem francesa e portuguesa, em vários ambientes de sua propriedade.

Seu segundo morador, Luís Eduardo Pires, neto do primeiro proprietário, fez do local uma fábrica de cal, mas manteve a área bem preservada. Para enriquecer mais ainda o ambiente, sua terceira dona, uma arquiteta romena levou para o sítio traços da arquitetura mosaica. Atualmente, o Piranhenga é uma propriedade particular voltado para filantropia, onde funciona o Centro Educacional e Profissionalizante do Maranhão - Centramar, administrado pelo padre João de Fátima Maranhão.

Mais informações

